

A cura pela pajelança na linguagem dos xamãs

A milenar medicina dos índios merece uma semana de debates e orientações na Cidade da Paz

Se antes as sociedades que praticam o xamanismo "precisavam" do aval das teses antropológicas para obter sua legitimidade e espaços junto às instituições e mídia das sociedades envolvidas, agora ocorre um fenômeno peculiar. São pessoas do chamado mundo Ocidental que se auto-proclamam xamãs. Por isso, pretendem divulgar as técnicas e as curas xamânicas.

A cura xamanística foi manchete na imprensa nacional, há seis anos, quando dois pajés do Parque Nacional do Xingu (MT), Raoni e Sapaim, a convite do presidente da República, foram tratar do cientista Augusto Ruschi. Muita polêmica envolveu o tratamento. A pajelança, para curar o envenenamento causado por um sapo, foi alvo de ácidas críticas de alguns jornais e médicos. Estes diziam ser inverossímil o envenenamento e, para eles, a doença era consequência de complicações hepáticas. Por outro lado, a cura foi defendida por muitos e o próprio cientista declarou à imprensa, na época, que estava indignado com médicos que queriam negar a eficácia de uma medicina de dois mil anos, como a dos índios.

Novamente, o xamanismo volta a ocupar espaços nos meios dos chamados "civilizados". Este método de cura e debates sobre o assunto fizeram parte das atividades do Simpósio "Terra Meu Amor" da Universidade Holística Internacional de Brasília que aconteceu, semana passada, na Fundação Cidade da Paz. Duas jornadas xamânicas foram iniciadas. A primeira ocorreu sob a orientação da terapeuta norte-americana Tyo Llorente. A outra foi ministrada por Carminha Levy, presidente do Instituto de Tradição Xamânicas de São Paulo.

As duas pessoas responsáveis pelas jornadas têm em comum o fato de terem sido alunas do antropólogo Michael Harner, profes-

sor na Graduate Faculty of the News School for Social Research de Nova Iorque e fundador de um Centro de Estudos Xamânicos em Nova Iorque, um local de treinamento de xamanismo. Harner, que se intitula um xamã, foi iniciado pelos índios Jivaro (Untsuri Shuar), do Equador, e Conibo, do Alto Amazonas. Ele lançou, em 1980, um guia de xamanismo, editado no Brasil pela Cultrix com o título "O Caminho do Xamã".

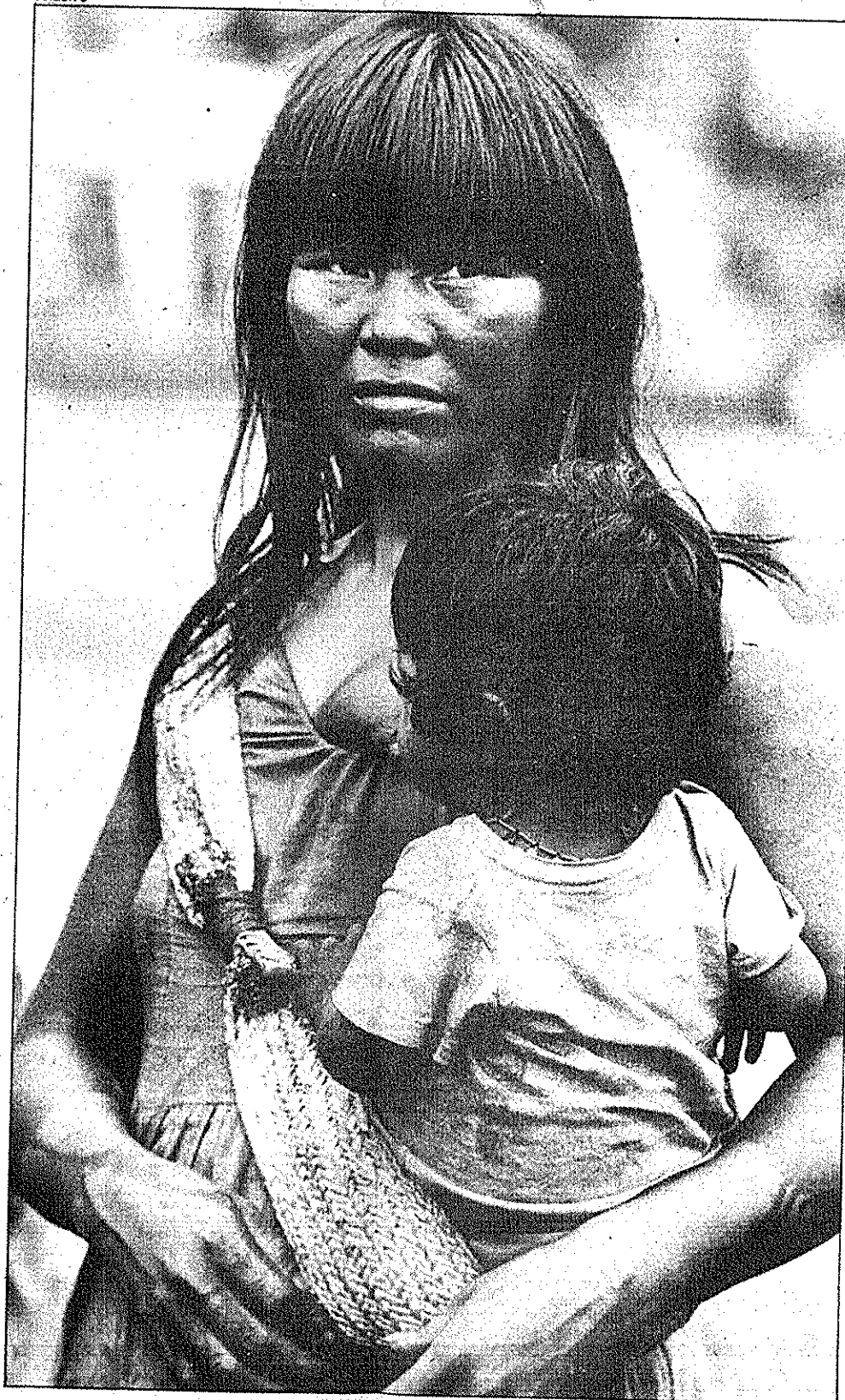
Para quem já visitou uma comunidade indígena, por exemplo, e conviveu um mínimo de tempo, percebe a importância do xamanismo para essas comunidades. Tornar-se xamã é algo mais sério do que formar-se em Medicina, pois não se trata apenas de uma profissão. Ele é o intermediário entre o mundo social e o sobrenatural e, além disso, é o responsável pelo bem-estar da coletividade. A sua iniciação jamais poderá ser feita através de um manual. O processo de aprendizagem do xamã é um caminho difícil para os iniciados. Estes, muitas vezes, recebem chamados, ou, eles próprios buscam este caminho, que envolve conhecimentos esotéricos, isolamento, além de certas regras e tabus especiais e o controle do uso, em certas comunidades, de alucinógenos.

O xamã realiza curas e também protege a comunidade contra os espíritos malignos, participando de cerimônias essenciais para as boas colheitas e caçadas. Ele, por outro lado, tem o poder de invocar os bons espíritos para as curas das doenças de índios. Pois para os males trazidos pelos "caraiabas" — como os xinguanos chamam indivíduos de outras sociedades — são necessários os médicos.

Pajés — O Brasil, os xamãs são chamados pajés. Foram os antropólogos que adotaram a palavra xamã, oriunda da língua do povo Tungus da Sibéria, pois ela não carrega preconceitos que possuem, por exemplo, os termos "bruxo", "mágico" e "feiticeiro". No Xingu, o pajé mais respeitado é Takumã, cacique da aldeia Kamaiurá. Ele é uma pessoa que impõe respeito à primeira vista. De olhar firme e com uma voz mansa, Takumã, em uma ocasião, falou sobre sua iniciação. Os espíritos o chamaram para o caminho do xamanismo. Ele, a princípio, ficou doente por vários meses, ninguém conseguia curá-lo. Vá-

SIMPÓSIO

ARQUIVO



O xamanismo tem servido aos índios há mais de dois mil anos e provoca debates

rios pajés tentaram, em vão. Seus parentes temeram sua morte. Uma noite, através de sonhos, os espíritos de animais avisaram Takumã que ele estava sendo iniciado. A maneira de como foi feita a mensagem, que extrapola os sonhos, é mistério de pajé. Depois da iniciação, ele passou por um longo e penoso processo, que incluía a reclusão e dietas especiais, culminando com a sua formação xamanística.

Mas o poder do xamã depende da crença

no xamanismo. Isto é, é preciso que o próprio pajé confie em suas técnicas de cura, assim como os seus doentes. Fundamental também é a aceitação da coletividade. Xamanismo, portanto, é parte essencial do sistema cultural de sociedade indígenas. As pessoas, desde a infância, respeitam o pajé. Outras sociedades, como as africanas, também têm seus xamãs.

O antropólogo francês Claude Lévi-Strauss situa a cura mágica, feita pelo xamã, a meio

caminho entre a medicina tradicional e a psicanálise. Paula Monteiro, em seu livro "Magia e Pensamento Mágico", da Ática, explica os argumentos do antropólogo. Segundo ele, os dois processos terapêuticos se propõem trazer para a consciência conflitos e resistências inconscientes. Na psicanálise, o paciente deve reviver profundamente a situação traumática que deu origem a seu distúrbio. A descarga emocional libera o indivíduo do estado penoso ligado à recordação do trauma. Esse processo é chamado de ab-reação. O xamã revive, intensamente, a crise inicial que revelou seus poderes no ato de cura. "Tudo se passa como se ele revivesse o momento traumático no lugar do paciente, induzindo-o simbolicamente a liberar-se de seu afeto desagradável", cita Paula Monteiro. Assim Lévi-Strauss diz que todo xamã é uma ab-reator profissional.

Provas — Mas quando a experiência xamânica é adotada por pessoas fora do contexto original, sem dúvida, é preciso cuidados pelos pacientes. Pois, até os próprios índios exigem muitas provas dos seus xamãs para, enfim, acreditar neles.

A terapeuta Tyo Llorente, 35 anos em entrevista, esclareceu que ela mesma não se intitula uma xamã. Com certeza, muitas pessoas que a procuraram pensaram encontrar uma bruxa disposta a curar todos os seus males. Mas a sua jornada xamânica, oferecida no simpósio da Fundação Cidade da Paz, se limitava a "dar uma idéia para as pessoas do que se trata o xamanismo", explica Tyo. "Se alguém sair daqui se dizendo iniciado, está cometendo um erro", acrescenta. A terapeuta, que abandonou as instituições de tratamentos formais, há 15 anos, para aprender com xamãs de várias sociedades como os Hopi, dos EUA, os bascos, da Espanha, e os huichol, do México, já passou por momentos e provas duras. Mas, segundo, ela ainda falta muito. O xamã para ela, é aquele que vive com um "pé neste mundo e outro pé num mundo sobrenatural".

O caminho xamânico para Tyo é a única forma de ela curar a si mesma e, daí, ajudar os outros. Suas consultas, durante sua estada aqui, foram de Cz\$ 15 mil. Questionada se isso não restringia seu trabalho a uma elite, ela afirmou que seu sonho é montar, em Berlim, um centro para formação de pessoas e com atendimentos de graça. A terapeuta tem um currículo que dão a ela condições de, no mínimo, divulgar o xamanismo. Mas, corre-se o risco de se massificar e de se vulgarizar práticas de curas aceitas e respeitadas em seus próprios contextos.